

Saúde, política e vida acadêmica: um ensaio sobre Max Weber¹

Health, politics and academic life: an essay on Max Weber

Salud, política y vida académica: un ensayo sobre Max Weber

*Antonio de Pádua Bosi**

<https://orcid.org/0000-0002-0733-1780>

RESUMO: Este texto pretende discutir em que medida a depressão vivida por Max Weber a partir de 1897 resultou da intensidade do trabalho docente. Tento examinar como sua saúde mental influenciou a abordagem sobre a formação do capitalismo, especialmente “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Utilizei informações e juízos levantados em biografias e escritos acerca de Weber, o contexto histórico percebido por ele e obras suas pertinentes a este artigo. Defendo a ideia de que a saúde mental de Weber se constituiu relativamente a sua experiência social e cultural, e que sua experiência social e cultural, grandemente responsável por sua produção acadêmica e por sua leitura das conjunturas políticas, se formou decisivamente influenciada por sua depressão.

Palavras-chave: Trabalho e Saúde. Saúde Mental. Max Weber.

ABSTRACT: This text aims to discuss the extent to which the depression experienced by Max Weber from 1897 onwards resulted from the intensity of his teaching work. I try to examine how his mental health influenced his approach to the formation of capitalism, especially "The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism". I have used information and judgments gathered from biographies and writings about Weber, the historical context perceived by him and his works pertinent to this article. I defend the idea that Weber's mental health was constituted in relation to his social and cultural experience, and that his social and cultural experience, which was largely

¹ Este texto é dedicado a José Roberto Zan, professor que ensinou Max Weber para alunos do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia quando isso era quase uma transgressão.

* É professor na Universidade Estadual do Oeste do Paraná desde 1999. Tem estudado conflitos em torno da organização do trabalho e dos trabalhadores com ênfase para as experiências mais recentes de precarização das relações de trabalho e de formação da classe trabalhadora no Brasil. Possui pesquisas e publicações sobre catadores, trabalho docente, trabalho em frigorífico, suicídio, vilas operárias e imigração. Coordena o Acordo de Cooperação entre a Unioeste e a Rutgers (Universidade do Estado de Nova Jersey, Estados Unidos) sobre Trabalho e Migração Internacional. Coordena o Curso de Alfabetização História, Cultura e Língua Portuguesa para Migrantes Internacionais. E-mail: antonio_bosi@hotmail.com

responsible for his academic production and his reading of political conjunctures, was formed decisively influenced by his depression.

Keywords: Work and Health. Mental Health. Max Weber.

RESUMEN: Este texto pretende discutir hasta qué punto la depresión que sufrió Max Weber a partir de 1897 fue consecuencia de la intensidad de su labor docente. Intento examinar cómo influyó su salud mental en su enfoque de la formación del capitalismo, especialmente en "La ética protestante y el espíritu del capitalismo". He utilizado información y juicios recogidos en biografías y escritos sobre Weber, el contexto histórico percibido por él y sus obras que son pertinentes para este artículo. Defiendo la idea de que la salud mental de Weber se formó en relación con su experiencia social y cultural, y que su experiencia social y cultural, responsable en gran medida de su producción académica y de su lectura de las coyunturas políticas, estuvo decisivamente influida por su depresión.

Palabras clave: Trabajo y Salud. Salud Mental. Max Weber.

Como citar este artigo:

Bosi, Antonio de Pádua. "Saúde, política e vida acadêmica: Um ensaio sobre Max Weber". *Locus: Revista de História*, 29, n. 2 (2023): 187-209.

1. O problema

O objetivo deste artigo é discutir a relação entre o estado de depressão de Max Weber, identificado a partir de 1897, e a intensidade de seu trabalho intelectual. Ao mesmo tempo, examino como sua saúde mental interferiu na elaboração de "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo". Este não é um assunto inédito desde que se considere diversas publicações que mencionam a doença de Weber, inclusive a biografia escrita por sua esposa, Mariane. Diferentemente disso, de modo mais específico e aprofundado, o que procuro explorar e ressaltar diz respeito ao peso exercido pela obstinação de Weber dedicada ao trabalho sobre o processo de seu adoecimento e como essa depressão *pode* ter influenciado o que existe de pessimismo nos seus dois artigos que deram origem a "A Ética Protestante...".

Neste caso, vale lembrar que Max Weber expressou sua compreensão a respeito do capitalismo por meio de história comparada, deixando-a presente em pelo menos três obras além de "A Ética Protestante..." (1982; 1992; 2006). À medida que escavava o passado, suas incursões

em tempos cada vez mais recuados o fez ver formatos diferentes de economias e sociedades com traços característicos, históricos, peculiares. Desse modo, quando ele tratava o capitalismo moderno, industrial, a tendência era vê-lo como construção unificadora que absorvia diferentes instituições a sua imagem, impondo (de diversas formas) uma racionalização de todas as esferas de vida. Esta interpretação se tornou relativamente aceita sem, contudo, ter sido sondada em seu custo particular para Max Weber quando concluiu que o homem fundou um novo tipo de escuridão disfarçada de razão.

Weber igualmente manifestou seu *desencantamento* com um tipo de desenvolvimento social específico na civilização ocidental cuja característica era expandir sua racionalidade para outros tipos de formações sociais. O termo vai grafado porque se trata de uma chave de análise central de Weber, o *desencantamento do mundo*, (Pierucci 2003) cuja função é explicar, de maneira particular, a racionalização da experiência humana no capitalismo moderno. É um dos tópicos mais controversos sobre a formulação de Weber. Por isso mesmo, seu uso aqui se faz no sentido estrito dos dois artigos publicados em 1904 e 1905, que deram origem a “A Ética Protestante...”. Uma interpretação possível (mas não única) sobre este livro identifica a formalização de uma dimensão do sofrimento humano destacada por Weber quando ele aponta os produtos diretos de um tipo específico de isolamento religioso. Trata-se de determinada forma de racionalidade, inicialmente fundada pelo protestantismo, que retiraria do homem a certeza da salvação, lançando-o numa angústia permanente. Em síntese apertada esta é uma tese bastante conhecida. Emancipada da religião, esta racionalidade estudada por Weber impulsionaria o capitalismo e práticas individuais vinculadas à vontade ganho. Depreende-se disso que a irracionalidade mencionada por Weber não seria uma força que operaria fora da esfera da racionalidade recém-inaugurada, mas resultaria de transtornos emanados da própria racionalização da vida que chamou tanto a atenção de Weber. Este seria um universo social em construção onde as possibilidades para o homem estariam literalmente interditas. Ele parece não ter gostado do que viu. Como disse, expressou sua contrariedade em artigo publicado em duas partes nos anos de 1904 e 1905. Em 1920, quando os reuniu em livro, reafirmou uma avaliação sombria da civilização que se constituíra. Além disso, se houvesse rotas de fuga para fora dessa irracionalidade, Weber não as deixa evidentes.

Até 1903, ano da primeira trégua de um “colapso nervoso” sofrido por Weber, ele já havia contribuído significativamente com o processo de constituição da Sociologia – vista e estruturada como disciplina independente - cujo objeto consistiu, para a maioria dos sociólogos, do estudo das religiões, embora Weber não possa ser tipificado exclusivamente como um sociólogo da religião. (Pierucci 2003, 15-22). Naquele contexto, o interesse de Weber esteve em compreender articuladamente religião e economia de modo que as religiões entravam como uma chave

sociológica para identificar empiricamente e entender teoricamente as dinâmicas de racionalização da vida. Por isso também, suas primeiras reflexões foram sobre história econômica comparada, possíveis coligações entre comportamentos econômicos e éticas religiosas e racionalidade e formas de dominação. Na montagem desta agenda, o capitalismo pontuou suas preocupações à medida que aparecia ligado aos assuntos mais recorrentes como o campo do Direito, as tipologias de comunidades e associações mercantis e, principalmente, as categorias sociológicas já esboçadas sobre as tipologias da vida econômica, num enorme e profundo detalhamento empírico que resultaria, mais tarde, por exemplo, em “Economia e Sociedade” (1992). O Weber pessimista que muitos têm “lido, apropriado, criticado, modificado e incorporado dentro do discurso da ciência social moderna e da vida política tem sido [o Weber] dos textos escritos nos últimos dezesseis anos de sua vida, a começar de 1904.” (Scaff 2011, loc.341)

Posto isso, o que mais interessa salientar é que não havia no desenvolvimento desta pauta uma visão determinada que conduzisse o conhecimento histórico de Weber para a formulação de um juízo cético acerca do capitalismo moderno, conforme somos capazes de encontrar em “A Ética Protestante...”, e que informa a chave analítica deste artigo. A força do espírito capitalista, permanentemente ativo e despregado de qualquer zona social específica, funcionaria de modo a interpelar indivíduos e os pressionar a serem “especialistas sem espíritos”, uma expressão de sensibilidades fingidas porque “sem coração” e sem experiências insubmissas. Pode-se pensar a partir disso que, sutilmente aprisionados pela força da cultura e o que ela traz consigo em termos de valores, crenças, normas, hábitos, tradições, mudanças para preservar a ordem, os indivíduos seguiriam planos de se manterem nessa linha e não decepcionarem a si mesmos. Seriam seus próprios cárceres.

Nas páginas finais de “A Ética Protestante...” ele registrou nessa metáfora o sentimento capturado num estudo iniciado na última década do século XIX e que duraria até 1920. Foram trinta anos sondando algo que hoje podemos nomear de uma falta de perspectiva do capitalismo para a humanidade. Contudo, o olhar inclemente consigo e com o mundo de seu tempo se formou em meio a um quadro de combalida saúde mental e interdições temporárias de sua capacidade de trabalho. Weber precisou se acostumar com uma saúde incerta para que pudesse se concentrar inteiramente no trabalho quando suas forças eram suficientes. A intensidade com que lecionava, pesquisava, escrevia, orientava, lhe drenava rapidamente as energias e o deixava letárgico.

Sua principal testemunha, a esposa, relatou pontualmente como o espírito de Weber se mostrou progressivamente desanimado com o mundo que entrava no seu radar, um desânimo que decorria ao mesmo tempo de seus colapsos nervosos e de suas crises de depressão. Ou, dito de outra forma, sua produção intelectual desde então parece ter fundamentado um tipo de pessimismo

histórico, alimentado por um pessimismo pessoal. É certo que o colapso nervoso por ele sofrido em 1897 foi causado por um razoável número de complexos fatores pessoais e psicológicos, mas o que se pretende colocar em discussão aqui diz respeito a (i) como e por que uma sobrecarga de trabalho intelectual contribuiu vigorosamente para debilitar o estado de saúde de Weber, fato manifestado claramente a partir de 1897, e, (ii) com força de hipótese, quais foram as conexões entre esta condição e a formação de uma abordagem tão crítica quanto cética sobre o capitalismo e a experiência de progresso testemunhada por ele na virada do século XIX para o XX.

2. Saúde e trabalho docente

Marianne Weber escreveu uma biografia sobre o marido, publicada em 1926. Igualmente a outros biógrafos, a lógica de Marianne foi adotar um eixo sobre o qual os aspectos da vida pessoal, intelectual e política de Weber fossem organizados. Nesse caso, Weber foi o eixo de Weber. A esposa, mais do que a biógrafa, escolheu mostrar um gigante premido por constantes e urgentes batalhas intelectuais. Havia na figura narrada algo idealizado. Mas houve espaço para falar da saúde mental do marido. Ela reservou um capítulo para isso.

A biografia escrita por Mariane é a principal referência para desenvolver as hipóteses enunciadas aqui. Muitas biografias sobre Weber tomam a narrativa de Marianne como a base principal de suas teses e argumentos. Dentre outras publicações de caráter biográfico, destaco Reinhard Bendix (1960), Paul Honigsheim (2003), Arthur Mitzman (2002), Donald MacRae (1993), Fritz Ringer (2004), Joachim Radkal (2009) e Lawrence Scaff (2011), além de artigos sobre pontos específicos que vinculam a sociologia à vida de Weber cujo volume torna inviável citá-los neste artigo.

Relativamente ao objetivo deste artigo, a intervenção de Michael Pollack merece destaque à medida que ele propôs vincular a depressão de Weber e sua produção intelectual, argumentando que uma vez afastado compulsoriamente do trabalho devido ao colapso sofrido em 1897, sobrara algum tempo ocupado de modo intermitente para avaliar objetos de estudo sem os compromissos da universidade. Contudo, o ponto de vista de Pollack busca mostrar que os períodos de reclusão de Weber para tratamento médico possibilitaram-no concentrar-se na reflexão (e produção) intelectual e política. Mesmo estando doente, Weber teria formalizado intervenções para disseminar suas próprias posições acerca da sociologia e da política. Todavia, Pollack não conferiu importância à depressão de Weber como fez relativamente a outros elementos, tais como a tensão auto-infligida sobre questões políticas e morais.

Por outra via, Pollack argumentou que o colapso de Weber resultaria de determinado tipo de libertação familiar atribuída à morte do pai e aos limites encontrados para que ele realizasse suas

ideias políticas, algo como “uma revolta contra os pais” acrescido de “ressentimentos políticos de um jovem burguês envolvido [insatisfeito] na Alemanha de Guilherme II”. (Pollack 1996, 60) Joachim Radkal apresentou uma variante desta tese, em versão mais desenvolvida e detalhada, quando escreveu biografia sobre Weber, onde chegou a especular sobre uma impotência conjugal e desinteresse por “assuntos eróticos” com alguma repercussão na vida do sociólogo. Relativamente a infância e a juventude de Weber, Radkal mencionou o “Complexo de Édipo” para explicar os conflitos com o pai. (Radkal 2009) De qualquer modo, referindo-me a Pollack e a excelência de seu artigo, o vínculo entre a intensidade do trabalho intelectual e o adoecimento de Weber foi pouco investigado (ou explorado), principalmente porque ele não teve a intenção de mapear a repercussão desta conexão em “A Ética Protestante...” e noutros livros menos conhecidos.

Todavia, a literatura constituída acerca de Weber tendeu a separá-lo em dois tomos, fazendo disso visão autorizada para abordar sua obra. As conferências de Weber sobre ciência e política, pronunciadas em 1919, alimentaram esse tipo de leitura para a qual a metodologia deveria fracionar a realidade ou manter o juízo político fora do universo científico. Em alguma medida a força e o alcance desta leitura encobriram – ou deixaram em segundo plano - aspectos que tornaram a vida e as preocupações intelectuais de Weber mais evidentes e compreensíveis. Tentei mapear duas dessas dimensões. Há o Weber combatido que luta contra sua doença, e há o Weber que interroga o capitalismo auscultando o trabalho sem necessariamente inquirir de modo direto os trabalhadores.

Registros biográficos sobre Weber mencionam, mesmo que rapidamente, a gravidade da depressão em sua vida. Tais registros apontaram sua saúde deteriorada, sua capacidade intelectual comprometida e um humor inconstante todas as vezes em que se via deprimido. É razoável ponderar que este estado de tristeza, irritação, impaciência com a demora da recuperação interferia em sua visão de mundo e trabalho, mais ou menos como um pintor ou um escultor imprimem seus sentimentos numa tela ou numa rocha.

Uma carga peculiarmente grande de trabalho combinada a uma atividade intelectual incomum, de projetos acadêmicos e políticos, pressionaram a saúde de Weber, na visão de Marianne. Conflitos de natureza pessoal e familiar, centrados principalmente no pai e na mãe, compuseram esse vetor que conduziu à incapacidade mental para trabalhar. O primeiro colapso esteve enfiado à morte do pai, em 1897, e se prolongou até 1903, revelando a incapacidade de Weber trabalhar como docente. A partir de 1903, ele ajustou suas energias e carga de trabalho para cumprir uma agenda que lhe permitiu sintetizar o pensamento de três décadas em “A Ética

Protestante...” e intervir com alguma regularidade na política alemã, não mais do que isso (o que era muito para alguns, mas considerado pouco por ele).

Difícil dizer a origem de seu interesse por política, mas era um sentimento tão forte quanto seus esforços em torno de história agrária e em comum tinha a preocupação de pensar a autonomia e independência de uma Alemanha frente ao mercado mundial. Politicamente Weber impôs a si um raciocínio de fundo liberal sobre a infrutuosidade de manter legislações contra a acumulação de capitais por bancos e comerciantes majoritários no país, fato que, para ele, favorecia outros países. Seu vínculo partidário era nacionalista, uma militância organizada dentro de um partido inspirado no protestantismo, cuja escolha de matiz conservadora foi expressão de seu estado de ânimo em alguma medida já estruturado em 1897. Tal percepção mudaria sutilmente nos anos seguintes.

Sua saudação à revolução de 1905 na Rússia, contrária ao regime czarista, embora parecera mais um cumprimento liberal, foi a primeira e mais clara demonstração de que o curso político conservador não era mais pleno. Ao mesmo tempo, Marianne, desde antes o casamento, tinha alguma militância feminista (entenda-se por feminismo o que havia no final do século XIX), que sobre Weber funcionava como um tipo de pressão doméstica que o fazia reconsiderar suas próprias posições. Ao final da 1ª grande guerra, Weber pensava com rara crítica intelectual os desdobramentos dos acordos entre URSS e Alemanha, avaliando que “Esta coisa de Brest-Litovsk não me causa uma impressão favorável [a Alemanha]. Os resultados mostrarão o que não se pode esperar deste tom desnecessariamente rude, mas eu creio que Trotsky é mais sagaz que os nossos [negociantes].” (Weber 1995)

No Brasil, não sem alguma resistência, Weber foi estigmatizado de conservador (às vezes de reacionário) a partir de leituras mais ideológicas do que acadêmicas geralmente realizadas no campo da esquerda. Seria preciso forçar o pensamento de Weber para colocá-lo dentro de um espectro conservador e atribuir-lhe um comportamento agressivo contra o conjunto da esquerda, mesmo quando ele se referia com certo desdém ao marxismo, pois, neste caso, o fez como crítica teórica e metodológica, refutando sua eficácia sem interditar suas ideias e direito ao debate, reservando espaço para discutir o que avaliava ser a “doutrina do mais ingênuo materialismo histórico, segundo a qual tais ideias se originaram como um reflexo ou como uma superestrutura da situação econômica.” (Weber 2014, 22) Um juízo mais apurado o aponta como “liberal atípico”. (Löwy 2014, 56)

Não raras vezes, a narrativa de Weber também era incomum, principalmente quando manejava recursos estilísticos como a ironia para apresentar críticas carregadas de afetos intelectuais

e políticos. Foi assim que ele expressou uma visão pessimista a respeito do capitalismo, um irônico elogio a tragédia, numa passagem inigualável de “A Ética Protestante...”:

(...) quando o ascetismo foi levado para fora das celas monásticas e introduzido na vida cotidiana e começou a dominar a moralidade laica, desempenhou seu papel na construção da tremenda harmonia da moderna ordem econômica. Esta ordem está hoje ligada às condições técnica e econômica da produção pelas máquinas, que determina a Vida de todos os indivíduos nascidos sob este regime com força irresistível não apenas os envolvidos diretamente com a aquisição econômica. E talvez assim a determine até que seja queimada a última tonelada de carvão fóssil. (Weber 2014, 86)

Esta posição foi manifestada em 1904 e preparada desde, pelo menos, seu colapso de 1897. Naquele ano, Weber se viu em profunda crise de depressão, impedido pela doença de trabalhar normalmente e de manter contato com amigos e conhecidos. Internado pouco tempo depois, recebeu o diagnóstico de “neurastenia”, diagnóstico muito frequente no século XIX cuja nosologia descrevia “exaustão física e mental, dores generalizadas, cefaleias, pressão e peso na cabeça, zumbidos no ouvido, dificuldade de concentração, medos mórbidos, inquietação, transtornos do sono” (Zorzanelli 2010, 432) dentre outras queixas observadas. À época de Weber, a neurastenia era tida como incurável e ao doente restava conviver com ela adotando um conjunto de cuidados diários. A terapia de Weber consistiu de hidroterapia, eletricidade e relaxamento, recursos que se tornaram comuns a ele durante as vezes que esteve internado. Especula-se que sua intermitente insônia e inibições motoras decorreram de um quadro de histeria. (Radkal 2009) Suas habilidades sociais, que no auge de sua saúde não eram muitas, lhe faltaram junto às energias próprias e necessárias à rotina acadêmica. Sabe-se disso porque Marianne se dispôs a explicar essa dimensão da vida de Weber cujo entendimento público (ou interpretação) ainda continua incerto.

A biografia escrita por Marianne ainda é singular porque o material de pesquisa levantado (ou sob sua guarda à época) era exclusivo e inédito para a maioria dos interessados. Weber pareceu ter sido mais amigo e confidente de Marianne do que um marido geralmente é, o que deu a ela uma perspectiva atípica e talvez única a respeito dos percalços de uma carreira acadêmica construída nos vãos de uma saúde trôpega e uma intervenção política que não deixou qualquer pegada ou rastro na memória alemã pré-Weimar, apesar de ter deixado algumas referências importantes e influentes para as áreas de ciências humanas e sociais, como “Ciência e Política: duas vocações”, publicado em 1919. (Weber 1993) Essa proximidade fez de Marianne uma testemunha incomparável e uma narradora privilegiada. São dela as seguintes frases:

Tudo lhe parecia excessivo. Não podia ler, escrever, participar de reuniões, caminhar ou dormir sem que tais atividades fossem um tormento. (...) Sentia como se fosse cair num furacão de ansiedade que lançaria sua razão na mais completa escuridão. (Weber 1995, 131)

Marianne ocupou a maior parte do capítulo sobre o colapso citando as diversas e sistemáticas tentativas de o marido retornar ao trabalho. Ressaltou que a queixa maior de Weber era a distância crescente entre ele e uma vida considerada normal de trabalho acadêmico, interrompida em 1897. Decorre disso que o trabalho realizado cotidianamente por Weber, e sua expectativa de continuá-lo em meio ao colapso e depois dele, tornou-se uma chave de análise para entender a degradação de sua saúde mental e as repercussões sobre sua visão de mundo.

Até aquele momento, Weber começara a estruturar parte de sua sociologia da religião, de sua teoria sobre as características da economia do moderno capitalismo, de uma história agrária do mundo antigo com textos que sedimentariam a importância da cultura na compreensão das sociedades históricas. Ao mesmo tempo, desenvolveu as bases de uma abordagem mais teórica do que metodológica cuja lógica atacava diferentes tipos de economicismo sob o argumento de que comportamentos econômicos são formados (e condicionados) por éticas de fundo moral a exemplo de determinadas crenças religiosas. Este último ponto foi, aliás, representativo de seu interesse pela disciplina de História, um esboço legível sobre a importância da cultura na constituição da experiência social.

O trabalho duro vinha sendo feito desde cedo, sob exarado rigor e disciplina, uma persistência tipicamente calvinista e um senso de dever internalizado por força (ou pode-se dizer inspiração) dos anos vividos na companhia do pai durante reuniões frequentes organizadas na casa da família com intelectuais. Não haveria melhor ambiente para incentivar o apetite pelo trabalho intelectual, o prazer da descoberta científica, o lugar apropriado para se alcançar status e prestígio. O resto (ou grande parte do que realizou até a morte) ele fez doente e sofrendo.

Relativamente ao mesmo período é preciso considerar que, qualquer que tenha sido o motivo responsável por ter tirado Weber de uma vida acadêmica plena em 1897, tal razão *nunca o abandonou*. Um movimento pendular representa bem as descrições que Marianne fez dos altos e baixos do marido. Foram períodos de intensa atividade no trabalho, intercalados por quadros de tristeza, melancolia e arrivismo social. Atualmente, há outras definições de “distúrbios psíquicos” associadas ao trabalho docente que deixariam professores universitários próximos (ou no mesmo grau) de Weber e de uma doença que talvez ele sequer chegou a compreender.

É no mínimo curioso o fato de a maioria dos médicos consultados por ele não terem prestado muita atenção às suas queixas. Marianne disse que em 1897 nem ela nem Weber entenderam a evasão das energias do marido. No final do semestre letivo daquele ano, Weber decidiu consultar um médico, talvez o primeiro. Marianne relata que, apesar do acompanhamento profissional, o marido continuava bastante desanimado. O médico afastou qualquer hipótese de desordem clínica porque considerou Weber um homem robusto. Atribuiu o desconforto sentido

ao excesso de trabalho e a grandes emoções. Recomendou a ele descanso, uma viagem. Parcialmente, parece ter acertado o diagnóstico alertando haver mais trabalho do que Weber poderia suportar, mas é provável que não tivesse noção da insalubridade que o trabalho docente fora capaz de causar ou, numa hipótese mais branda, de agravar.

O relato de Marianne relaciona o excesso de trabalho como uma razão importante do colapso. Nesse ponto, não importa muito se ela reconstruiu suas impressões aproximadamente 30 anos depois dos fatos transcorridos. Interessa a leitura acerca do ânimo do marido, do humor que iria acompanhá-lo dali em diante. Ao mesmo tempo, as fortes emoções estariam ligadas à morte do pai e a questões afetivas não resolvidas. Daquele ano em diante, Weber não conseguiu exercer uma carreira docente *full time*. Quando conseguia forças para trabalhar, ele escrevia textos primorosos como “A Ética Protestante...”. Todas as vezes que suas energias eram drenadas pela depressão, ele se tornava inservível para o trabalho.

Depois das viagens aconselhadas como terapia, Weber permaneceu sem compreender sua nova condição. Numa carta endereçada a mãe em abril de 1898, ele ofereceu uma perspectiva otimista sobre si, quase extravagante.

Nossa estadia realmente foi muito proveitosa. Agora que estou começando a voltar a trabalhar com vigor noto os resultados e, em poucas semanas, espero livrar-me dos últimos vestígios. Evidentemente, são sintomas de convalescência porque, deixando de lado a tensão de certos nervos da cabeça e congestões benignas, tenho me sentido especialmente bem física e mentalmente, sobretudo agora. (Weber 1995, 248)

A forma predominante de lidar com esse tipo de fracasso (assim percebido por ele) era as viagens para descanso em lugares da Europa considerados terapêuticos. Mas a “cura” era demorada e o compromisso com o trabalho o espremia para um retorno rápido à pesquisa, aos seminários, às orientações de doutorado, aos escritos, às reuniões de trabalho. Weber manteve contrato de trabalho com a Universidade de Heidelberg e gozava informalmente de algo parecido com uma licença saúde.

As recuperações eram vagarosas e discretas. A cada novo colapso os reparos feitos à saúde se tornavam mais lentos e incompletos. Por volta de 1898, Marianne relatou que “Ele está um pouco melhor, mas não consegue sequer orientar os trabalhos de seus alunos sem sofrer algum dano.” (Weber 1995, 254) Entre 1897 e 1903, Max Weber foi internado e medicado em sanatórios pelo menos três vezes, no Konstancker Hof e no Klüffel, em Urach. (Radkal 2009) Devido ao seu prestígio intelectual foi mantido como professor remunerado na Universidade de Heidelberg. Seu esforço para voltar ao trabalho universitário, por maior que tenha sido, mostrou-se insuficiente. Em 1902, Marianne registrou que “Pela manhã ele sempre trabalha de uma a duas horas, mas com relutância, e logo tem que dormir no sofá, durante toda a tarde.” Referindo-se a 1903, ela disse que

“O seu estado de saúde flutua de um dia para o outro. Seu humor e seu estado geral estão muito piores.” (Weber 1995, 269) Até a viagem aos Estados Unidos, em 1904, o melhor que se podia esperar dele era: “Trabalha umas quatro horas diárias. Ao primeiro sinal de que recupera sua capacidade de escrever, escreve uma resenha.” (Weber 1995, 268) A falta de energia para o trabalho e a incapacidade de controlar e executar uma agenda para a docência lhe causavam profunda tristeza que passou a se manifestar ao longo do tempo como sentimento de melancolia, de interdição incalculável que o fazia entregar-se intensamente nas vagas saudáveis quando a depressão deixava espaço.

O período em que Weber esteve mais doente, maior foi sua dependência de Marianne. Ela viu nisso momentos particulares de felicidade no casamento. Ao mesmo tempo, em tom de balanço, ele registrou em carta o que considerou uma vantagem de sua precária saúde mental.

Este tipo de enfermidade realmente tem coisas boas: a mim, por exemplo, ajudou-me a reabrir o lado puramente humano de viver que mamãe sempre achou de menos em mim, até um ponto que eu desconhecia. (...) Em anos passados minha má saúde se expressou numa obsessão compulsiva pelo trabalho universitário como se fosse um talismã, sem que eu pudesse dizer contra o que eu deveria me defender. Agora, recordando, vejo isto com total clareza, e sei que, doente ou são, nunca voltarei a ser assim. Tem desaparecido essa necessidade de sentir que eu sucumbia frente a carga de trabalho. (Weber 1995, 249)

Podia se tratar de uma ironia não fosse ele ter ressaltado a conexão com a mãe e o desenvolvimento de uma sensibilidade inexistente ou reprimida até a morte do pai, sobre quem haveria ali algum ressentimento. Superado ou não aquele colapso e seus desdobramentos, Weber asseverava nunca retornar ao estado de renúncia intelectual involuntária. A passagem mais representativa desse momento é do próprio Weber ao se indagar: como se sente um professor universitário doente “para quem toda atividade intelectual é um veneno?” (Weber 1995, 249)

3. Uma “jaula de ferro” feita sob medida

Quando Weber terminou “A Ética Protestante...” ele sugeriu que se tratava de um escrito identificado com história cultural e que havia trabalhado como um historiador cujo método ressaltou a cultura em sua abordagem. (Scaff 2011, loc.4333) No limite isto serve para posicionar “A Ética Protestante...” como uma chave analítica capaz de decifrar o processo de formação do capitalismo a partir de seu tempo presente, o que torna a referência à cultura algo relevante.

Traduzir e entender determinado comportamento econômico em sua relação com determinada ética cultural (de fundo religioso) está no domínio público das introduções mais instrumentais e escolares sobre Weber. Nunca é demais lembrar que para ele a religião *nunca* determina de modo exclusivo uma ética econômica. (Weber 2015) Outra coisa é saber que tipo e qual modalidade de “trabalho” e “espírito” Weber se referiu ao formatar sua proposta de uma ética (de fundo religioso) fecundando (ou potencializando) uma propensão ao trabalho e a acumulação

de capital. Ou, dito em seus próprios termos, uma racionalização metódica da conduta para a vida que teria relação – como se tenta enfatizar neste texto – com sua trajetória pendular entre sentir-se bem e sentir-se mal. Muitas vezes vê-se nesse movimento um balanço oblíquo que, estando fora ou dentro do espaço e duração dos quadros mais severos da doença, tendia a enxergar o mundo com relativo pessimismo. Sob esse propósito encontraremos reflexões de Weber que denunciam ao seu modo a desumanização do homem sob o tempo presente comparativamente a formas de viver tradicionais, místicas e mágicas.

Uma interpretação possível é de que Weber buscava diagnosticar um mundo dividido e tensionado entre a vida material e a vida espiritual, cindidas pelo capitalismo. Em passagem tão curiosa quanto relevante no tratado sobre sociologia da religião escrito em 1917 e 1918, Weber escolheu o místico (tipo ideal) para contrapor ao homem racionalizado do presente, alguém que se alimenta da devoção e cuja característica é sempre evadir-se do mundo. Weber empresta a ideia de Charles Baudelaire de que o tempo pode ser simultaneamente perene e fugaz, “a sagrada prostituição da alma”, distinto do cálculo racional que predominaria como valor e prática a partir da economia capitalista. (Weber 2015, 60). Mas este raciocínio começou a ser formado antes de Weber escrever *Sociologia das Religiões* e de recorrer a Baudelaire.

Na viagem para América em 1904, a pluralidade étnica testemunhada no navio foi um dos pontos que influenciaram a visão de Weber sobre o trabalho no capitalismo moderno. Durante a travessia do atlântico, na companhia de Marianne ele pôde observar uma presença de imigrantes que julgou incomum. Havia católicos e protestantes dentre italianos, boêmios, irlandeses, lituanos e outras famílias de trabalhadores que buscavam trabalho na América. Sabe-se disso porque grande parte dos imigrantes chegados pelo porto de *Ellis Island*, entre New Jersey e New York, tomavam o rumo de Chicago, a maior empregadora à época junto a New York. (Hoerder 1985)

O navio transportou 1679 passageiros, aproximadamente 60% de imigrantes. Muitos destes iriam se empregar nos frigoríficos de Chicago, que já eram grandes empresas monopólicas organizadas num truste cuja eficiência pressionava a padronização do comportamento operário. Weber identificou isso em sua visita àquela cidade. Sua impressão tem sido reforçada pela literatura acadêmica nos últimos 50 anos. Na virada do século XIX para o XX, além de americanos brancos e negros, havia boêmios, alemães, irlandeses, lituanos, mexicanos, poloneses, russos, austríacos, eslovenos e tchecos ocupados nos frigoríficos. Assim, um dos principais mecanismos de dominação sobre a força de trabalho na América residia em manter os trabalhadores isolados em seus antagonismos culturais e chantageá-los com a perda do emprego. As diferenças étnicas e religiosas, por exemplo, quando açodadas, tendiam a ser tratadas como vantagem pelo patronato, unindo ou separando trabalhadores em torno de seu próprio programa.

O grande número de trabalhadores estrangeiros que chegou na América do Norte no final do século XIX e início do XX também chamou atenção de outros observadores e pesquisadores contemporâneos de Weber. O escritor Upton Sinclair redigiu artigos a respeito do trabalho nos frigoríficos de Chicago e os publicou no semanário de esquerda *Appeal to Reason*. Em 1906, ele publicou o livro *The Jungle* (Sinclair 1965) sobre o mesmo assunto. Jürgis, um lituano que cruzou o atlântico para tentar a sorte nos Estados Unidos, compartilhava uma expectativa presente no universo operário europeu de ir atrás do sonho americano. A propaganda os cercava de todos os lados. Teoricamente, os trabalhadores tornados excedentes na Europa viam na imigração uma opção. Empregados nos frigoríficos, muitos tiveram sua saúde avariada pelo trabalho pesado, inadequado e incessante. A pobreza e a demência social eram uma característica coletiva, bastante visível nos bairros improvisados detrás dos currais. Repertórios desesperados como a prostituição não eram incomuns. Tudo isto formava e marcava a experiência daqueles trabalhadores. Enfim, nos anos testemunhados por Sinclair o frigorífico foi palco de uma tragédia de onde ele enviou uma mensagem direta: aquele tipo de trabalho destrói. (Sinclair 1965)

Weber chegou a Chicago em meio ao término de uma greve de trabalhadores de frigoríficos numa dinâmica de organização sindical existente desde a década de 1890 contra o oligopólio da indústria da carne formado pela Armour, Swift, Wilson, Cudahy e Morris, conhecido por “Big Five”. (Brody 1964, 34-58) Mas, diz Marianne, sua atenção se deteve mais aos contratos da “anatomia da cidade”, em especial os “tenements” (cortiços), ocupados por famílias mais empobrecidas, localizados em “ruas absurdamente sujas, sem pavimentação”. O que mais o impressionou foram os currais, o “oceano de sangue” dos matadouros e, especialmente, a linha de desmontagem de bois e porcos. (Weber 1995, 290-291) Ali, Weber reconheceu a olho nu como a produção se mecanizava e antecipava a famosa e revolucionária linha de montagem de Henry Ford, nove anos depois, em 1913. Também foi lá que ele encontrou material empírico para sua visão relativamente a desumanização do homem, ou “a irracionalidade do cálculo racional”.

As reflexões que Weber dedicou aos trabalhadores tomaram por base empiricamente a experiência norte-americana. Há observações importantes tais como a de que a situação imediata da classe trabalhadora e dos empresários é definida pelo mercado de trabalho, pelo mercado de bens e pela exploração capitalista ou, numa linguagem marxista, pelo regime da propriedade privada dos meios de produção. (Weber 1992, 686). Também relevante é a afirmação de que os trabalhadores tendem a se manifestar contra empresários por aumento de salários e negligenciarem rentistas, acionistas e banqueiros – o capital financeiro –, sugerindo que as ações sociais desta classe se referem a contextos vivenciados diretamente. (Weber 1992, 683) Simultaneamente, Weber pautou diretamente os trabalhadores em suas reflexões quando criticou refinadamente as

repercussões da racionalidade do capitalismo sobre as pessoas. O trabalho entrava em seu radar conduzido pelas estruturas econômicas, jurídicas e manifestações históricas do capital, tais como a função do dinheiro, o comércio e as operações de crédito ao longo do tempo. Os trabalhadores e os burgueses aparecem nos textos de Weber emoldurados sob éticas religiosas (portanto, no âmbito da análise cultural) e no processo de secularização no capitalismo. (Weber 2006). Analiticamente o trabalho era objeto de Weber, mais do que os trabalhadores.

Em 1906, Weber diferenciou uma das formas do desenvolvimento do capitalismo na Europa e seu correspondente na América. Ele opôs, para fins de análise, a guilda e as seitas religiosas, argumentando que a primeira “unia os membros da mesma ocupação; daí, unia *concorrentes*. E assim fazia limitar para limitar a competição, bem como a luta racional pelo lucro, que funcionava através dela.” (Weber 1982, 369) Desse modo, Weber rejeitou a ideia de que as guildas deram origem ao moderno “*ethos* capitalista burguês”. Esta reflexão assemelhava-se a de Marx para quem as guildas literalmente emperravam o desenvolvimento do capitalismo à medida que trancavam passagem para a economia de mercado. Reafirmava novamente que “só o modo de vida metódico das seitas ascéticas poderia legitimar e colocar um halo em torno dos impulsos econômicos ‘individuais’ do *ethos* capitalista moderno.” (Weber 1982, 370). Neste ponto, Weber deixa evidente que se trata de descobrir o *halo* que recobriu o individualismo necessário ao capitalista burguês em seu impulso de acumulação ascético. Os trabalhadores entraram periféricamente nesta equação. Ele pressupôs (com apoio estatístico) que os fundamentos ascéticos do protestantismo atingiram a todos igualmente, como uma fagulha. Mas a repressão dos instintos e a descarga de toda energia represada no trabalho não podia ser verificada entre os trabalhadores em grande escala. A tese de Weber se voltava para a formação do burguês capitalista, tipificado em Benjamin Franklin. Para Weber, a miséria da moderna sociedade capitalista não decorreria de padrões materiais de mensuração nem das condições de trabalho e menos ainda da luta de classes. Sua primeira linha de análise não era econômica nem política. Por isso também visões como a de Sinclair não impactavam sua atenção. Algo diferente o assustava.

A literatura contemporânea a Weber foi pródiga sobre os efeitos colaterais do capitalismo. H.G. Wells não deixou espaço para dúvidas quando sugeriu que tanta modernidade e desenvolvimento poderia dizimar a humanidade e substituí-la por simulacros humanoides, os Morlocks, seres mutantes que viviam nos subterrâneos da terra e que perdiam progressivamente as capacidades humanas como pensar, criar e amar. (Wells 2010) Além dos Morlocks, o Schmidt, de Taylor, estaria acompanhado do “bravo soldado Schweik”, de Jaroslav Hasek, alguém representativo do antiintelectualismo da 1ª grande guerra, capaz de uma servidão voluntária planejada por um tipo de civilização desejada e defendida por Taylor. O raciocínio de Schweik,

embalado pela ideia de que a civilização nos deixa melhores a cada dia, exuma o passado sob o pretexto de provar nossos avanços. “Antigamente teve uma guerra de trinta anos. Morreu muita gente. Mas agora nós somos muito mais inteligentes. Esta só vai durar uns cinco anos. É verdade que vai morrer muito mais gente, mas isso não faz mal. A inteligência acima de tudo!” (Hasek 1967) Weber não estava só em seus temores.

Weber imprimia uma corrida extenuante na investigação e na preparação de textos seguindo uma agenda de trabalho para decifrar o capitalismo. Em alguma medida ele se viu melancólico, fosse pelo que descobria a respeito do ethos capitalista, fosse pelo descobria de si mesmo. Crescia nele uma tristeza profunda que o fazia se afundar em fracassadas tentativas de retomar algo da normalidade de sua vida depois de 1897. Isso deixava seu mundo mais cinza e sombrio. Os trabalhadores, como sabemos, em meio a mudança de marcha da economia mundial, se reposicionavam para uma linha de resistência ainda maior. Marx teve melhor sorte ao compreender a civilização também como expressão da barbárie burguesa. Sua teoria, em simplificado sentido, apresentou solução opondo revolução proletária à barbárie, mas Weber sequer se aproximou desse limite.

Se o caminho de Taylor foi abraçar a barbárie, Weber advertiu que não haveria autonomia (social, intelectual, política) no plano daquela racionalização. Tal posição de Weber aparece legível no conjunto de “A Ética Protestante...”. E no final da obra ela é posta em destaque, sustentada no pessimismo do autor. Alguns trechos de cartas dele que Marianne incluiu na biografia, permitem conhecer a fragilidade pessoal provocada pela doença. Weber se tornou mais sensível. Citei anteriormente passagem em que ele enxergava, sem ironia, “coisas boas” em sua “enfermidade”, tais como ajudar a “reabrir o lado puramente humano de viver que mamãe sempre achou de menos em mim, até um ponto que eu desconhecia.” (Weber 1995, 249). Se esta verdade teve proporções abrangentes, e na visão de Marianne teve, a percepção de Weber das relações pessoais e da realidade onde intervinha na condição de pesquisador se tornou notadamente sensível. Por óbvio, a preparação do material de pesquisa para “A Ética Protestante...” (submetida a ideia de objetividade e validade heurística) e a exposição dos resultados estiveram enraizadas em quadros intermitentes de depressão. Saber o quanto suas crises e seu estado de espírito interferiram na formulação de seus trabalhos é outro problema difícil de responder.

Fora da primeira crise por volta de 1903, aproximadamente um ano antes de viajar para os Estados Unidos, Weber concluiu a preparação dos documentos utilizados nos dois textos publicados em 1904 e 1905. Em 1920 eles foram reunidos, revisados e publicados como livro, “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Também nesse caso Weber se pressionou para entregar resultados em prazos que julgou adequados e profissionalmente éticos. Sobre isso,

Marianne disse que Weber, na condição de codiretor do periódico *Archiv für Sozialwissenschaften*, “se sentia obrigado antes de tudo a manter a revista abastecida de material. Por isso, ele tinha pressa em publicar, e uma publicação modesta assim, como uma revista, era a mais conveniente.” (Weber 1995, 324) A convivência com a pressão era cotidiana. Ele se acostumou a ela, o que não significa dizer que tenha encontrado uma chave para evitar os estragos causados por tamanha intensidade no trabalho. Isso não.

“A Ética Protestante...” foi preparada para publicação por um intelectual seguramente afetado por depressões descontínuas. O tipo de sensibilidade que fluía de Weber o fez propor a principal de suas equações a respeito da formação do capitalismo e da moderna mentalidade mercantil. A escolha de Benjamin Franklin como o mais famoso de seus tipos ideais também foi expressão do que Weber encontrou na América. Seu historicismo o fez olhar para o capitalismo a partir do tempo presente. Ele pressupunha cada época histórica como única e, também por isso, metodologicamente estruturava suas reflexões no corredor de uma história comparada. Assim, não caberia julgar nenhuma cultura, senão compará-la a outras. Sabemos hoje que essa promessa de imparcialidade não resistiu quando suas afinidades com o objeto eram agudas. Pode-se considerar ainda que Weber interpretou o “Time is Money” a partir de sua própria ética obsessiva e compulsiva de trabalho. Ele não cogitou a possibilidade de Benjamin Franklin sentir prazer naquilo que aconselhava.

Se o capitalismo era tido como ápice econômico da civilização (criticado quase que exclusivamente pela esquerda), o que dizer sobre isso? Ele falava do presente quando registrou uma visão pessimista na parte final de “A Ética Protestante...” e, nesse estrito sentido, ele contava o que sentia e como se sentia. Cada homem construía sua própria “jaula de ferro”, ou “prisão de ferro”, ou “crosta de ferro”, ficando ali confinado dentro de uma eterna angústia que sobreviveria à medida que tentasse e conseguisse disfarçar sua dor e sofrimentos. Seria, pois, seu próprio cárcere.

Weber encerrou o livro enquadrando um retrato aterrador e assombroso sobre nós, mas até chegar nesse ponto, pareceu ter entusiasmo com a política quando tinha saúde adequada para intervir. Comemorou o ensaio geral da queda do Czarismo na Rússia em 1905, pensou com seriedade ímpar as repercussões do tratado de Versalhes e o imenso passivo sob a responsabilidade da Alemanha dentre outras questões. Às vezes expressava sentimentos de euforia e satisfação em suas intervenções no universo político (coincidentes com a ideia de dever cumprido), principalmente no papel de militante partidário, que cediam tão logo se via abatido por novos colapsos. Fosse qual fosse seu humor, sua postura mostrava uma resiliência praticamente imbatível. Nos últimos anos de sua vida, uma depressão drenou suas energias. E igualmente às outras vezes,

Weber se viu diante de fortes conflitos que, neste caso, teve algum desdobramento em “A Ética Protestante...” e particularmente no desfecho deste livro.

Weber permanecia aberto a consultas feitas sobre o acordo de Versalhes e à Constituição de Weimar, embora sob uma zelosa crítica coberta de decepção. Sua saída do Partido Democrata Alemão, dois anos depois de nele ingressar, expressou uma concepção idealizada de militância, momento em que se percebeu, por seus próprios meios e razões, tencionado entre a “realpolitik” e a política orientada por princípios. Duvidava fortemente que a Alemanha chegaria a bom termo uma vez cessada a guerra. (Mömmesen 1984, 309). Dentre outras coisas isso podia significar um desacordo surdo com os termos da própria racionalidade da política moderna, fato que o faria recolher suas energias nesse campo. Transitava rapidamente da política ao campo inteiramente intelectual, de uma agenda profissional, intercalada com depressões, para se dedicar a inusitada vida de pai. Mas estava desencantado com seu mundo.

Em abril de 1920 a irmã caçula de Weber morreu. Ela tinha 40 anos de idade e deixou quatro filhos. Marianne escreveu que ele não titubeou sequer um suspiro nesta questão, assumiu os sobrinhos e iniciou uma nova família. Os amigos mais próximos acharam apressada a decisão de acolher os sobrinhos. A memória de Marianne sublinhou que muitos achavam o casal “demasiado velho, demasiado rígido nos costumes”. Weber teve dificuldade em se adaptar e talvez não tenha conseguido. O fato é que o esforço para acolhe-los aconteceu junto a renovado fôlego no trabalho e, paralelamente, à perda (ou diminuição) da convicção na militância que exercia nos quadros do Partido Democrata Alemão. Em alguma medida difícil de mensurar a experiência da paternidade interferiu em seu humor e lhe emprestou energia suficiente para lidar com a pesquisa, a docência e a nova família. No último ano de vida, Weber se revelou gratificado com a conclusão de uma tese sob sua orientação. Foi também o ano da publicação de “A Ética Protestante...” e de textos seminiais sobre “Sociologia da Religião”. Esta disposição, sabemos, não atravessaria 1920.

“A máquina já não quer trabalhar”. Foi assim que Weber julgou seu estado alguns meses antes de morrer. Havia detrás dele trinta anos de experiência com as pequenas e seguidas vinganças de sua saúde quando o limite para o trabalho nunca se pôs visível, tangível ou admissível. A essa altura pode-se pensar que a rotina intelectual de Weber cobrava preços cada vez mais vultuosos de sua sensibilidade os quais na maioria das vezes ele não tinha como pagar. Nessa equação, o pai, a mãe, a importância da política e do trabalho intelectual, Marianne, os sobrinhos no final da vida, foram pontos decisivos numa economia da sensibilidade que Weber percebia e assimilava ao seu jeito, tendo manifestado parte disso em seus escritos, especialmente no mais afetivo deles, “A Ética Protestante...”.

A obra sobreviveu ao autor e o tornou popular na academia de tal modo que ele mesmo talvez nunca imaginou. Nela encontra-se rastros evidentes da “sociologia compreensiva”, da construção de “tipos ideais”, da objetividade do conhecimento nas ciências sociais e da distinção entre política e ciência. Além da tese contida no livro, tornou-se comum estudá-lo e consultá-lo a respeito das contribuições metodológicas de Max Weber e da formação da Sociologia. Em escala comparativamente menor, quase imperceptível, “A Ética Protestante...” não fala somente de ética nem de espírito entrosados na constituição do capitalismo moderno. Quem procura o autor nessa obra topará com um domínio extraordinário sobre as palavras (com poucos precedentes) usado para empregar-las na demonstração e irrefutabilidade da tese. Mas quem procurasse por Weber encontraria nesses milhares de vocábulos uma força narrativa contida, presente nos pouquíssimos pontos onde tentou falar de si como um dos homens aprisionados sem causa e sem honra, acostumado a autoimolação de cada gesto e pensamento condenados pelo espírito capitalista, um processo progressivamente naturalizado. Com tantos recursos à mão, não conseguia elaborar facilmente uma narrativa cuja verdade fosse a sua, cujo mal-estar fosse o seu, cuja luta inglória orientada numa ética do trabalho o representasse.

A imagem de um homem intelectualmente infalível, autor de obra memorável e ainda funcional em cursos de humanidades, é a mais divulgada de Weber. A distância no tempo não desfez nem relativizou esse retrato tantas vezes reforçado em curtas biografias, mas permitiu que outras perspectivas se pusessem. Hoje é possível ler este Weber, por exemplo, numa passagem específica que integra parte de seu testamento ou de uma advertência sobre o quão longe o trabalho desfigurado, consentido e sem sentido pode levar.

Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim desse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e ideias, ou ainda se nenhuma dessas duas – a eventualidade de uma petrificação mecanizada caracterizada por esta convulsiva espécie de autojustificação. Nesse caso, os “últimos homens” desse desenvolvimento cultural poderiam ser designados como “especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível de civilização nunca antes alcançado”. (Weber 1989, 131)

Tornar-se insensível, ou manter-se assim, era algo que assustava Weber desde a morte do pai. Sabe-se disso lendo a biografia que Marianne escreveu e as poucas cartas do marido ali transcritas. Ele não quis ser um homem distante ou infenso a família, como foi seu pai, sobre o qual os relatos de Weber nunca foram bons, o que fez se projetar noutra direção. Cada vez mais, seus estudos e escritos falariam de si, um asceticismo sem sentido (ou inútil para uma vida feliz), reflexões sobre como ser cientista e político simultaneamente – mesmo que isso não fosse aconselhável. Em grande medida Weber fez isso. Ele fez política como se estivesse ensinando, e ensinou como se estivesse fazendo política. Ele olhou para isso de uma perspectiva pessoal,

principalmente em “A Ética Protestante...”. Escreveu a respeito da sociedade sob os arcos dos problemas que lhe atormentavam. E não há nada de errado nisso se valorizarmos o desfecho do livro, onde menciona a “jaula de ferro”, como uma metáfora pessoal, semelhante as repetidas vezes que tentou modelar em argila o Leão de Lucerna, durante o pior período de sua doença, de 1897 a 1903.

Marianne guarda pouco espaço para esse evento, mas o cita como um acontecimento relevante, um tipo de terapia, e não uma distração, embora sem indicar qualquer relação de identificação de Weber com a escultura. Ela disse que nas inúmeras tentativas de Weber reencontrar seu equilíbrio e energia intelectual, começou um trabalho com argila conseguida pela esposa. A modelagem era sempre a mesma, semelhante ao treinamento de violino, repetindo nota após nota, acertando a velocidade, o tom, o volume, certo de que alcançaria o planejamento feito. Weber insistia em imitar o Leão de Lucerna.

Trata-se de uma escultura feita em Lucerna, na Suíça, em homenagem aos guardas suíços mortos no ano de 1792, durante a Revolução Francesa. Aproximadamente 1200 soldados da guarda suíça foram emprestados a Luís XVI para conter a revolução. Cerca de 700 morreram em combate e o restante sobreviveu. O monumento foi construído em 1821 e retrata um leão solitário, ferido, em agonia, fora de combate, ou quase. A fatalidade que mobilizou os esforços de um escultor dinamarquês para cravar numa rocha parte de trauma embaraçado num empréstimo político feito a monarquia francesa na expectativa de derrotar uma revolução que disseminou o ideário liberal e democrático por quase todo planeta, seria menos importante do que a dor, o sofrimento e o sentimento de derrota estampados no símbolo mais poderoso do reino animal. Raciocinando por hipótese, talvez o espírito de Weber ao tentar reproduzir o Leão de Lucerna em caracteres estéticos e provisionais fosse o de acumular forças para finalizar um percurso de luto cujo objeto seria seu pai. Ele via necessidade de pacificar a relação com o pai e de seguir dali em diante na condição de Weber mais velho, e isso não parecia fácil. De qualquer modo, se mantivermos esta chave como hipótese já conhecida e levantada em grande parte da literatura que se interessou pela vida de Weber, a ligação com o Leão de Lucerna pode ser explorada como ponto específico da percepção e da imagem que fazia de si mesmo.

Em seu último mês de vida, quando a intensidade do trabalho perdeu espaço rapidamente para o tipo de prostração que Weber conhecia bem por conta de repetidas experiências no passado, ele foi levado novamente ao silêncio intelectual. Simplesmente não se sentia capaz de ser Max Weber. Marianne sublinhou a resiliência do marido. Dele saiu um estranho “nada pode dizer o que é a morte”, e depois, “Mas basta disso! Ainda estamos vivos!”. (Weber 1995, 623) Marianne selecionou uma manifestação de coragem para ilustrar o espírito dos dias finais, o que não significa

que esse era o sentimento que prevalecia em Weber.

“Política e Vocação”, aclamada conferência de Weber publicada em 1919, ajuda a pensar sua desconfiança sobre as realizações do espírito do capitalismo, ou, especificamente, seu legado para a civilização. A linha de argumentação se manteria relativamente à advertência feita contra uma sociedade cujas sensibilidades ensaiadas a exaustão não tinham coração. Que sentidos teriam então? Ao final do texto, resultado de uma conferência apresentada a estudantes da Universidade de Munique em 1919, Weber citou o Soneto 102, de Shakespeare, para alertar a respeito de uma aridez desolada que comporia a vida do político, aquele sujeito entregue sem vaidades, com “esforço tenaz e enérgico para atravessar grossas vigas de madeira.” (Weber 1993, 123)

Nosso amor era jovem, então, na primavera,
Quando queria saudá-lo com meus encantos;
Como o rouxinol que canta assim que o verão principia,
E interrompe seu trinado à espera de dias mais maduros: (Shakespeare, apud Weber 1993, 123)

Com Shakespeare, Weber preparou uma dúvida para o político vocacionado responder quando os tempos de fartura dessem lugar ao inverno. E de maneira específica falava também do quão desastroso seria uma política de continuidade para a civilização fundada pelo capitalismo moderno. “Pouco importa quais sejam os grupos políticos a quem a vitória tocará: não nos espera a floração do estio, mas, antes uma noite polar, glacial, sombria e rude.” Todos perderão, ele pensa. “Quando nada existe, não somente o Imperador, mas também o proletário tem perdidos os seus direitos.” Weber falou (contra os resultados) da luta de classes num momento de ascensão do operariado e da social democracia na Alemanha. Mas este não era o centro de seu apelo. Naquele caso, ele mencionou a pior das soluções: a renúncia mística ao mundo, como uma moda em que muitos embarcavam certos de estarem acima do bem e do mal. Weber acreditava que caberia ser político e se lançar fortemente contra os desafios (em 1919 o maior deles era a reconstrução da Alemanha) e vencê-los ou cultivar modestamente a fraternidade de homem para homem e se entregar, “com simplicidade, ao trabalho cotidiano”. (Weber 1993, 123)

Mesmo doente, a “renúncia mística” não lhe pareceu uma opção com a qual conseguisse conviver. Ao contrário, olhando textos com esta formatação política e social numa ordem cronológica invertida é possível observar como Weber buscou racionalizar seu sofrimento e tratá-lo como parte de uma agenda de pesquisa, em textos como “A Ética Protestante...” e “Política como Vocação”, e em esforços inglórios para reabilitar-se ao que ele não queria voltar a ser, a exemplo de suas tentativas de reproduzir o Leão de Lucerna. É dele ainda o último conselho registrado no texto que talvez tenha dito ao público de estudantes em Munique, um ano antes de morrer: “E mesmo os que não sejam uma coisa nem outra devem armar-se da força de alma que lhes permita vencer o naufrágio de todas as suas esperanças.” (Weber 1993, 124)

Sua vocação para a ciência e para a política foi tão intensa que era de sua própria vida que ele sempre falava.

4. Considerações Finais

Em conclusão, retomo dois pontos que constituíram este artigo. Tentei mostrar conexões entre a intensidade do trabalho intelectual de Weber e seu adoecimento e busquei evidenciar como e em que medida este adoecimento influenciou sua leitura crítica e pessimista da cultura moderna elaborada na escrita de “A Ética Protestante...”.

Utilizei uma literatura acadêmica que documenta, sublinha e vê no apego ao trabalho o principal traço do caráter intelectual de Weber. Não são poucas as referências de especialistas feitas ao fato de que a erudição e a visão prospectiva de Weber que construíram rico campo teórico e metodológico (influenciando particularmente a História e as Ciências Sociais), resultaram de trabalho intenso e uma agenda de pesquisa meticulosamente definida. O próprio Weber prescreveu ao seu público a necessidade de a vocação para a ciência exigir esforço árduo e continuado. (Weber, 1993) quando criticou o trabalho *sem sentido*, predominante na sociedade capitalista moderna, ele mesmo se ressentiu do desgaste sofrido na rotina dos afazeres intelectuais. Mas como Weber poderia lutar contra limites físicos e mentais da realização do trabalho intelectual se ele sistematicamente os forçava a ceder?

Os termos desta equação exerceram continuamente um papel importante no comprometimento de suas energias. São termos análogos às equações matemáticas irracionais cuja expressão principal está aprisionada em seu radical. Libertar a incógnita matemática significaria, no caso de Weber, refazer a ética do trabalho e retirar-lhe o conteúdo insalubre. Isto não foi possível. Weber morreu aos 56 anos, idade incomum para alguém de sua classe social e condição financeira.

No presente, sua obra permanece atual e inspira o aprendizado da investigação social e a compreensão de inúmeras dimensões da realidade, principalmente a constituição do capitalismo moderno. Sua erudição encanta quem trabalha no campo das humanidades, e sua dedicação e disciplina de estudo ainda são olhadas com admiração. É um intelectual raro. Por outro lado, embora o colapso nervoso sofrido em 1897 tornou-se razoavelmente conhecido por estudantes, docentes e demais profissionais com formação na área, o caráter intermitente de sua depressão é pouco mencionado e, menos ainda, considerado como fator relevante e influente na sua produção intelectual. Busquei explorar este ponto e espero ter entregue material que possa auxiliar reflexões acerca da interação entre *saúde e vida acadêmica* na trajetória de Weber.

Referências Bibliográficas

- Bendix, Reinhard. *Max Weber: an intellectual portrait*. New York: Doubleday, 1960.
- Brody, David. *The Butcher Workmen. Study of unionization*. Harvard University Press/Cambridge, Massachusetts, 1964.
- Freud, Sigmund. *Notas sobre um caso de neurose obsessiva: o homem dos ratos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.
- Hasek, Jaroslav. *O Bravo Soldado Schweik*. Rio de Janeiro: Editora Fonfon, 1967.
- Hoerder, Dirk (Org.) *Labor Migration in the Atlantic Economies. The European and North American Working Classes During the Period of Industrialization*. Westport, London: Greenwood Press, 1985.
- Honigsheim, Paul. *The Unknown Max Weber*. New Brunswick: Transaction Books, 2003.
- Löwy, Michael. *A jaula de aço. Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- Macrae, Donald. *As ideias de Weber*. São Paulo Editora Cultrix, 1993.
- Mitzman, Arthur. *The Iron Cage: An historical interpretation of Max Weber*. New Brunswick: Transaction Books, 2002.
- Mommsen, Wolfgang J. *Max Weber and German Politics 1890-1920* Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- Pierucci, Antônio F. *O desencantamento do mundo. Todos os passos do conceito de Max Weber*. São Paulo, Editora 34, 2003.
- Pollack, Michael. Elementos para uma Biografia Sociointelectual. In *MANA*. Revista de Estudos de Antropologia Social. Volume 2. N.1, abril de 1996.
- Radkal, Joachim. *Max Weber. A Biography*. Cambridge: Polity Press, 2009. Kindle Version.
- Ringer, Fritz. *Max Weber: An intellectual biography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.
- Scaff, Lawrence. *Max Weber in America*. Princeton: Princeton University Press, 2011. Kindle Version.
- Sinclair, Upton. *The Jungle*. Harmondsworth: Penguin Modern Classics, 1965.
- Twain, Mark. *A Tramp Abroad*. Hartford Conn. American Publishing Company. Chatto & Windus: London, 1880. Disponível www.gutenberg.net.
-

- Weber, Marianne. *Biografia de Max Weber*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- Weber, Max. *Economia y Sociedad*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- Weber, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- Weber, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Editora Pioneira, 1989.
- Weber, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- Weber, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.
- Weber, Max. *História Geral da Economia*. São Paulo: Editora Centauro, 2006.
- Weber, Max. O Estado Nacional e a Política Econômica. In COHN, G. *Weber*. São Paulo: Ática, 1989.
- Weber, Max. *Sociologia das Religiões*. São Paulo: Ícone Editora, 2015.
- Wells, H.G. *A Máquina do Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Alfaguara, 2010.
- Zorzanelli, R.T. Neurastenia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, supl.2, dez. 2010, p.431-446.

Recebido em 08 de junho de 2023
Aprovado em 18 de setembro de 2023